

O Fluminense
18.1.81
RN 145

M 957
CM. 16.8.62
Rediv 23.12.61
EG Ele. nº 108
RN 145

Rubem Braga

Havia um grampo de loura

A FESTA

*Não, não minha
senhora, eu não sou
pintor nem maricão;
apenas gosto de
árvores de flores e
mulheres de beleza.*

ACHO que Edgard Wallace começaria a narrar esta história mais ou menos assim: "Uma loura e uma morena podem possuir muitos objetos iguais, mas há um pequeno objeto de uso pessoal que sempre é diferente; ninguém precisa quebrar a cabeça para compreender que estamos nos referindo aos grampos. Era um grampo de loura aquêle que foi encontrado no tapêto, perto da lareira, na sala de estar de Donald Stevenson, em Orchard Street. O corpo do proprietário da casa, com uma fenda de tamanho apreciável no occipital, jazia perto do grande relógio de mogno, com os pés voltados para a porta que dá acesso à biblioteca."

Assim eu imaginei um começo de romance de Edgard Wallace. E prossegui compondo mentalmente frases e mais frases que se seguiam, até que o sono me venceu quando o famoso detetive Hoggar fingia limpar as unhas com um canivete enquanto os seus olhos azuis fitavam tão fixamente o grande relógio de mogno como se esperasse que a janelinha se abrisse e um cuco de verdade aparecesse.

dizia

Da outra sala vinha o chalrear dos convidados da festa; e então eu percebi que o grampo pertencia à senhora loura que estava com um vestido branco. Ela mesma me contava isso, com um sorriso leve, como se fôsse contar uma história engraçada, sem sequer olhar o corpo do milionário a seus pés. Depois ela se foi elevando no ar, e apareceu em pé, enquadrada em uma janela verde. Imediatamente me lembrei do que dissera à mulher de meu amigo: "Se sua casa é amarela, plante uma qua-

resmeira ao lado. Veja como são lindas as suas flôres violetas. A sua sombra é fria. Assim você poderá gozar um pouco a fresca, deitada na rêde, quando estiver muito corada por causa da sombra de seu flamboyant."

Depois meu sonho colorido voltou a ser prêto e branco. O milionário morto desaparecera e ninguém mais falava no crime, como se nada tivesse acontecido, o que me afligia. Lembrei-me de um criminoso que vi na televisão, e o revi distintamente no retângulo iluminado. Súbitamente êle disse um nome de mulher com tôda a veemência: era o da mulher loura, que continuava sorrindo. Eu ia dizer que era falso, êle se enganara ou mentia, queria certamente se referir a outra, mas todos me olhavam com severidade, principalmente dois homens altos, de chapéu, com olhos de ameaça, olhos de homens armados e pagos para matar.

Tive mêdo, vontade de gritar ou de arranjar uma bomba terrível; mas logo se acenderam as luzes do cinema e suspirei com alívio. Nada daquilo era verdade, fôra um pesadelo, e a mulher loura me passava a mão pela cabeça com meiguice, dizendo: "Eu sou sua amiga, você sabe que eu sou sua amiga."

Então alguma coisa estalou. Acordei sobressaltado, olhei à janela, a rua estava deserta, e tôda a casa às escuras, pois os convidados tinham partido e me deixado ali. Fiquei triste nesse meu abandono — mas feliz, tão feliz de não haver nenhum drama e eu não estar, ao menos por enquanto, envolvido nêle. "Procedi corretamente", pensei. Comi uma banana, suspirei e voltei a dormir.

a sorrir.

*nesse abandono;
depois refleti que
têlera um pouco demais,
e algum mêdico
algum conspurcado.
Em todo caso era
um grande alívio
saber que não haveria
nenhum drama e mi-*

M. 535 21-7-62

quem queria me matar, "Procedi corretamente", pensei. Comi uma banana e voltei a dormir, pensando vagamente: "um grampo de loura..."